

São Paulo, 17 de fevereiro de 2004

Jacques Gelman
EAESP

Caro Jacques

A EAESP é ainda a melhor escola de administração de empresas do Brasil, mas sua posição interna está cada vez mais ameaçada e, no plano internacional, apesar de todos os convênios assinados, ela afinal não passa de uma modesta escola de um país em desenvolvimento, que não compete com as grandes *business schools* americanas e européias.

Para mim esta é uma situação inaceitável. A EAESP deve estar, pelo menos, entre as 50 melhores escolas de administração de empresas do mundo. Se pedimos que nossos empresários compitam internacionalmente, não há razão para não fazermos o mesmo. Se não o fizermos, estaremos nos condenando ao subdesenvolvimento.

Para que a EAESP possa competir internacionalmente muitas mudanças são necessárias, mas há duas que são absolutamente indispensáveis. É preciso que tenhamos a determinação de estarmos entre as 50 melhores, e é preciso que tenhamos o curso que serve de base para a competição das *business schools*: um MBA – ou seja, um grande curso de pós-graduação, profissionalizante, com turmas de tempo integral, e com turmas noturnas durando no mínimo três anos. Ou temos um curso dessa natureza, ou estamos admitindo nossa incapacidade de competir.

Temos um pequeno MBA profissionalizante, mas trata-se de um ‘executive MBA’, com número menor de créditos, aulas em fins de semana, para executivos já com experiência, e taxas pagas, em princípio, pelas empresas. Esse curso, assim como os MBAs *in house*, não atendem o requisito. Nos Estados Unidos, os MBAs executivos correspondem a menos de 10 por cento do mercado, e não garantem prestígio às escolas que os oferecem. O curso que serve de base para os diversos *ratings* das *business schools* é o grande MBA normal, pago pelas famílias.

Temos, entretanto, um curso que poderia, perfeitamente, ser *up graded* para o nível de um MBA, o CEAG. Por isso, não estou de acordo com a reforma que esse curso está sofrendo. Ao invés de se fazer um aumento razoável do número de créditos, resolveu-se baixá-los. A diminuição, afinal, não foi grande, mas permite que um aluno complete o CEAG noturno em dois anos. Ora, os melhores MBAs noturnos nos Estados Unidos duram de 3 a 5 anos. Além disso, não tenho notícia da criação do CEAG diurno, em tempo integral.

Mas, sendo o Brasil um país em desenvolvimento, haverá mercado para um curso deste tipo? Ou será melhor nivelarmo-nos por baixo, com os “MBAs brasileiros” que pululam por aí? Eu não tenho dúvida que esse mercado existe, e que nós temos condições

de atendê-lo. Estamos perdendo um grande número de jovens que vão fazer seu MBA nos Estados Unidos. E há um número muito maior que gostaria muito de poder ter um curso de alto nível em São Paulo.

Mas o papel do CEAG não é o de fornecer recursos para o resto da Escola? Sem dúvida. A distinção entre cursos *cash cow* e cursos excelentes não se aplica ao ensino de administração de empresas. Os grandes MBAs americanos são altamente ‘lucrativos’, e, ao mesmo tempo, são os cursos de excelência em administração de empresas em cada universidade.

Para tornar o CEAG um grande curso de pós-graduação, competitivo com os MBAs americanos e europeus, será preciso que esse **CEAG Máster** seja considerado pela EAESP como seu curso mais importante. Mais importante porque forma um grande número de profissionais de alto nível; mais importante porque completa a formação dos nossos alunos de graduação; mais importante porque é esse o curso que dá prestígio, de fato, a nível internacional para uma escola de administração de empresas. Haverá também um doutorado, mas destina-se a poucos alunos, é acadêmico – definitivamente não é o curso mais importante, como também não é o MBA executivo.

O novo CEAG deveria conservar o nome, mas, depois de transformado, deveríamos acrescentar a palavra Máster ao CEAG. Teríamos um **CEAG Máster**. Quais seriam as transformações? Além de aumentar o número de créditos, de criar o curso diurno, todo o grande trabalho que você liderou para atualizar o atual CEAG será muito útil. Entendo que na reforma em curso vocês buscaram colocar o CEAG na fronteira do conhecimento, e isto é essencial.

E é preciso, finalmente, que o curso seja considerado formalmente o mais importante. Isto exigirá que se pague melhor os professores que nele ensinam. Que o diretor dedique pessoalmente uma grande parte do seu tempo a ele. E que o curso tenha prioridade na escolha dos professores.

Desde janeiro de 2000 venho insistindo nas idéias que aqui expus, mas sem êxito. Sempre me garantem que o CEAG será um curso de excelência, mas não vejo a mudança estrutural no curso, sem a qual essa excelência jamais se concretizará. Quando nos encontramos rapidamente no elevador, na semana passada, você respondeu com veemência a meu comentário crítico. Isto significa que você está enfrentando com responsabilidade e paixão sua missão. Por isso decidi escrever-lhe este e-mail, e ao mesmo tempo divulgá-lo entre os colegas da Escola. Para que o debate seja eventualmente reaberto. Ou, pelo menos, para que eu não me sentisse omissa em relação a uma questão tão fundamental de uma escola que sempre estive no centro de minha vida.

Um abraço cordial do

Luiz Carlos Bresser-Pereira